



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LUCIANO DAS NEVES CARVALHO**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-384

**Entrevistada:** Luciano das Neves Carvalho

**Nascimento:** Não informado

**Local da entrevista:** Hotel Nobile Lakeside Convention & Resort (Brasília, DF)

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 31/01/2014

**Transcrição:** Leila Carneiro Mattos

**Copidesque:** Christiane Garcia Macedo

**Pesquisa:** Christiane Garcia Macedo

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner.

**Total de gravação:** 9 minutos e 3 segundos

**Páginas Digitadas:** 4 páginas

### Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Segundo Tempo* realizado pelo Centro de Memória do Esporte

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Envolvimento com o Programa Segundo Tempo; Atividades desenvolvidas pela Equipe Colaboradora; Trabalho com a temática étnica; Inclusão da discussão sobre a presença de negros no Programa; Pesquisa sobre a inserção e visibilidade dos negros nos núcleos do Programa Segundo Tempo no Ceará.

Porto Alegre, 30 de janeiro de 2014. Entrevista com Luciano das Neves Carvalho a cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Então, Luciano primeiro eu gostaria de agradecer a tua disponibilidade em nos conceder essa entrevista e eu queria que tu falasse como conheceu o Programa Segundo Tempo e como tu iniciou as tuas atividades.

L.C. – O Programa Segundo Tempo na verdade eu conheci ainda dentro da Universidade quando eu fui procurado por um aluno para orientar um trabalho que ele vinha desenvolvendo. A a partir daí comecei a pesquisar a estudar um pouco mais sobre o que é o Segundo Tempo e há um tempo atrás recebi o convite para compor a equipe de colaboradores da EC-20<sup>1</sup> e a partir daí estou dentro do Programa.

P.J. – E qual a função que tu desenvolve dentro do Programa?

L.C. – Hoje sou avaliador, um dos avaliadores da EC-20. A gente tem desenvolvido... Tenho feito visitas nos núcleos que tem no interior do Estado na Região Sul do Ceará.

P.J. – E qual as atividades que tu vem desenvolvendo junto a equipe, junto ao projeto?

L.C.– Junto ao projeto uma das capacitações de um dos núcleos que ocorreu lá na cidade de Juazeiro, inclusive foi o núcleo de Juazeiro um dos maiores que a gente tem; depois do grupo regional do estado, eu tive oportunidade de entrar na discussão étnica, de propor uma discussão étnica dentro do Programa, quando até então eu estava pesquisando sobre jogos, brinquedos e brincadeiras de matriz africana. E fui convidado pelo professor Adalberto<sup>2</sup> e professora Dinah<sup>3</sup> para facilitar uma oficina de um desses jogos africanos chamado Mancala. A partir daí comecei a despertar o interesse em conhecer o negro dentro do PST<sup>4</sup>, um tema de absoluta importância essa discussão dentro do Programa uma vez que o Programa pretende ou tem a pretensão de ser uma política pública a gente não pode

---

<sup>1</sup> Equipe Colaboradora 20, que abrange o estado do Ceará.

<sup>2</sup> Adalberto Pereira da Silva.

<sup>3</sup> Dinah Lucas Pinheiro de Azevedo.

<sup>4</sup> Programa Segundo Tempo.

deixar de focar ou de dar visibilidade a quem são essas pessoas que estão dentro do Programa principalmente essas pessoas de origem negra.

P.J. – E quais os limites que tu vê dentro do projeto e quais as possibilidades ?

L.C. – Eu vejo, pelo que me parece, a discussão com muita possibilidade para ampliarmos o que estamos pretendendo enquanto política pública. Então, enquanto política pública, a gente tem que incluir essa fatia significativa da população que compõe mais de cinquenta e dois por cento da nossa população. A gente tem uma possibilidade muito grande historicamente de começar a pontuar alguma dessas questões do negro dentro desse Programa para dar essa visibilidade do negro, pois no país historicamente a gente tem percebido que isso se dá pelo contrário. A maioria dos discursos giram entorno do vazio do discurso do silêncio, onde a gente enxerga nesse discurso do silêncio a negatividade da presença do negro no Brasil, e muito particular lá no meu estado, no Ceará, onde durante muito tempo da história do estado foi negado a presença do negro na formação dessa sociedade.

P.J. – E vocês vêm pensando em estratégias para conseguir incluir o negro no projeto ou vocês tem alguma iniciativa?

L.C. – Na verdade o negro está dentro do projeto, mas ele não está visibilizado, então, a iniciativa primeira nossa é exatamente essa, de trazer a luz do Programa a presença do negro dentro dele. Então, é uma iniciativa muito particular minha, dessa questão de que a mesma dificuldade que a gente vem encontrando de inserir a mulher ou colocar a mulher dentro desse contexto do Programa, muito por conta de trabalho doméstico que ela é levada, trabalhos domésticos e muitas vezes ela também tem que contribuir na economia familiar, quando ela é tirada das atividades do núcleo, a gente tem que enxergar também que essa mulher ou essa menina que está dentro do Programa é uma menina negra. Então eu queria discutir e minha pretensão é discutir dentro dos nossos convênios essa questão da presença da mulher, da presença da mulher negra, da presença do homem negro dentro do programa. Então eu estou pautando em cima da Lei 10639/03 que trata desse ambiente educacional formal e não formal das discussões das relações étnico raciais e da história do povo africano porque a ancestralidade desses meninos tem nos mostrado que eles deram

uma contribuição extremamente significativa na formação da sociedade brasileira e hoje essa mesma sociedade nega a presença do negro, então, nós temos que valorizar essa informação, valorizar essas iniciativas, valorizar a presença do negro para que ele consiga realmente se fortalecer nesse aspecto. É uma iniciativa muito particular em função de interesses meus e eu queria poder dentro do PST dar essa contribuição de mostrar que o negro está presente, que o negro teve uma formação extremamente dura. O negro ele foi excluído durante muito tempo, mas ele está presente até hoje formando essa sociedade, para que os nossos beneficiários não se enxerguem apenas como número e um número negativo ele se enxergue como potencial, uma potencialidade a ser explorada, um potencial para ajudar ainda mais para contribuir e enriquecer ainda mais essa sociedade

P.J. – É tua intenção ampliar para todo o Programa Segundo Tempo ou vai mais regionalizar mesmo?

L.C.– A iniciativa primeira é essa. Eu vou analisar principalmente o núcleo que funciona dentro do Instituto Federal<sup>5</sup>, a gente tem lá na nossa instituição o núcleo PST do IFCE e a partir daí eu vou conversar com a coordenação e vice-coordenação da EC-20 para que a gente, nas nossas visitas em alguns desses núcleos, a gente possa fazer essa investigação para ter um retrato, pelo menos uma amostra, de como está a presença do negro no PST no Ceará, de onde ele vem, quem é, quais as pretensões, quais as suas potencialidades, para que a gente consiga realmente dar essa visibilidade maior, para que a gente consiga fortalecer a presença desse negro, para que a gente consiga realmente tratar ele como esse cidadão que é e merece respeito. Então eu estou investigando um pouco nesse sentido de saber onde é que eles estão e qual essa contribuição na formação do cidadão que está dentro do projeto do Segundo Tempo e quais são as outras informações, por exemplo, que outras contribuições o negro pode dar ao projeto. Porque historicamente a gente tem observado que os negros eles tem uma história cultural, eles tem uma história coletiva, eles tem uma história de organização e também tem seus jogos, seus brinquedos, suas brincadeiras, que remontam a essa origem africana que muitas vezes a gente acaba fazendo elas dentro do nosso Programa, mas não dá o seu reconhecimento a sua origem, de onde veio, porque se faz. Então a ideia é essa, mostrar que muitas dessas brincadeiras e dos

---

<sup>5</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará – IFCE.

nossos jogos de hoje têm essa matriz africana que deve ser destacada e devemos valorizar a comunidade negra.

P.J. – Mais alguma coisa que tu gostarias de registrar? Algum fato que tu gostarias de compartilhar conosco?

L.C. – Lamentar, infelizmente lamentar, que esse Programa ainda não teve esse olhar para essa população, mas ao mesmo tempo ver o lado positivo de que o Programa está aberto para essa nova discussão. Então, enquanto a gente lamenta, não é só ficar lamentar e ficar questionando, também é ver esse potencial, essa possibilidade que a gente está enxergando e está vendo para crescer. E realmente se mostrar e se fazer com que nesse ambiente formal e informal de ensino e aprendizagem, principalmente ligado ao esporte, também a gente tem essa possibilidade de fazer essa discussão.

P.J. – Então Luciano é isso, gostaria de te parabenizar pela tua iniciativa e colocar o Centro de Memória do Esporte à disposição no que a gente puder colaborar

L.C. – Eu que tenho que agradecer, porque essas pequenas lacunas que nos são abertas, a gente tem que meter realmente a mão, meter o braço e a cabeça, para que seja porta de passagem para que muitas outras discussões ainda possam ser destacadas. Obrigado!

P.J. – Obrigada!

[FINAL DA ENTREVISTA]